



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11255 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

SABERES IDENTITÁRIOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA AMAZÔNIA PARAENSE

Marcia Cristina dos Santos Bandeira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Marta Genú Soares - UEPA - Universidade do Estado do Pará

SABERES IDENTITÁRIOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA AMAZÔNIA PARAENSE

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo tema saberes identitários e a prática pedagógica do professor nasce do resultado de uma seção da pesquisa concluída sobre prática pedagógica no Programa de Pós-Graduação em Educação do Estado do Pará (PPGED/UEPA) na Linha de Formação de Professores no ano de 2022. Desta forma, esse texto apresenta os resultados do estudo que investigou a prática pedagógica, onde apresentamos a categoria trabalho na sua concepção, definição e característica, representadas na fala dos participantes da pesquisa.

Assim, a categoria trabalho apresentada na entrevista com dois professores de Educação Física, que nomeamos de trabalhador brasileiro (TB1 e TB2). A mesma foi pautada na prática e/ou exercício da docência na escola. O método utilizado foi o dialético e técnica aplicou a entrevista narrativa como instrumento de reunião de dados, tendo como objetivo analisar a prática pedagógica e a identidade do trabalhador no contexto amazônico paraense, pautadas pela ideologia do Estado, e como esta influência na construção da identidade docente.

O referencial teórico adotado fundamentou-se nos pressupostos de autores que discutem essa temática, como: Bauman(2005) que trata dos conceitos de modernidade líquida, na fluidez das relações humanas, Ciampa(2007) com a abordagem sobre identidade, Ferreira(2006) que discute o sentido de ser professor, Freire(2007) em seus princípios sobre educação, Freitas(2006) sobre o conceito de identidade docente, Lawn(2001) que nesta obra trabalha a fabricação de identidade de professores, Oliveira(2010) que produz conhecimento sobre trabalhadores da educação e política da profissão docente no Brasil, dentre outros.

O texto está estruturado em três tópicos, a saber: Trabalho e Identidade; Saberes de Identidade e Saberes da prática docente de professores.

TRABALHO E IDENTIDADE

Este olhar sobre trabalho, trabalhador e saberes parte da compreensão de identidade gerida pelo Estado e evidenciada por diversas razões nas escolas que segundo Alves (2006):

Fixar a identidade tem o poder de determinar o trabalho no setor público (escola de massas), trabalho este que se molda a si próprio, através do discurso. A tentativa de fixar (e/ou de corrigir) a identidade é empreendida por meio de noções essenciais sobre a identidade do trabalhador, apelos à função social, definição de papéis, etc (SMITH apud ALVES, 2006).

Os sistemas educativos nunca estiveram afastados da construção de novas identidades do professor. Desta forma podemos dizer que a “escola de massas” foi desenvolvendo e se tornou significativo, no planeamento do Estado, a produção de uma identidade única e incontestável do professor. Isto cria problema em aspectos como o coletivo, social e deveres. Afinal! Que saber docente e pratica esta sendo reproduzida em uma sociedade plural e diversificada.

SABERES DE IDENTIDADE

A construção da identidade é um processo constante de reflexão e mudança, ou seja, deve acompanhar o tempo histórico atual e sua necessidade social, política e educacional, pois, os valores mudam e as necessidades e interesses. Segundo Nóvoa (2013) a construção da identidade é um processo permanente, sendo que é no entendimento da profissionalidade que se produz sentido no trabalho.

[...] Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN,2005,p.17-18).

A profissão docente no Brasil, na perspectiva de Oliveira (2010) reforça que “quanto mais variadas são as funções a que o professor é chamado a responder, mais cresce o sentimento de (des) profissionalização, de perda de identidade, na constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante” (Oliveira, 2010, p. 24).

Há escolas em zonas rurais, em vilas, em zonas suburbanas e em zonas urbanas. Nestas há escolas no centro e em bairros, em zonas residenciais da classe média e em zonas degradadas. Como é evidente, esta heterogeneidade de contextos reflete-se na composição discente da escola e, indiretamente, na composição docente (FORMOSINHO, 2006, p. 43).

O trabalho da educação na pratica pedagógica dos professores a partir do fazer identitário ainda traz o caráter homogeneizador de grande parte dos professores para uma sociedade pretensamente homogênea e monocultural isso se mostra como um retrocesso ao reconhecimento da cultura e dos saberes que devem ser pauta da formação e ensino na escola porque “ não é produzida em um momento pontual, mas é construída ao longo da vida, pela

dialética indivíduo-sociedade, é fundamental entender que, antes do produto, é importante conhecer o processo” (SANTOS; PEREIRA E LOPES, 2014, p. 409).

É importante lembrar que os professores têm direito à formação continuada e/ou capacitação em serviço, prevista como um dos fundamentos na formação de professores na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996):

Art. 61. Parágrafo único. A formação dos profissionais de educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009).

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009).

II – A associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009).

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009).

Desta forma, cabe ressaltar que os professores são enquanto totalidade territórios pouco escutado em um sistema que regue as políticas educacionais, principalmente quando mensuramos avaliação, aprendizagem, conhecimentos específicos da disciplina. Senso sua prática pedagógica atravessada pela proposta educativa para a escola.

Identidade é movimento, porém, uma vez que a identidade pressuposta é repostada pelos ritos sociais, passa a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal e constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose (CIAMPA,2007,p.153).

Reforçamos que a identidade dos professores tem constituído uma parte importante da gestão do sistema educativo, sendo a produção da identidade posta em massa para o perfil de professor nos regulamentos, serviços, encontros políticos, discursos públicos, programas de formação, intervenções. Cada vez mais sua identidade sendo negada e forjada a um perfil de professor.

SABERES DA PRÁTICA DOCENTE E DOS PROFESSORES: ENTENDENDO O MÉTODO

A pesquisa foi realizada com dois professores de Educação Física em agosto de 2021, uma pesquisa qualitativa e com entrevista narrativa sobre a prática pedagógica dos professores. No entanto, no decorrer da pesquisa percebemos que as categorias de análise são refletidas no saber docente de sua trajetória de currículo e formação. Assim, para esse texto dialogamos com a categoria trabalho e os elementos docência/ professor, fazer pedagógico. De cunho qualitativo buscou a apropriação da realidade e a efetivação científica a partir de seu processo de construção na perspectiva da identidade, prática pedagógica, saberes docente para o entendimento tanto da formação de vida do professor quanto da prática docente.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A compreensão sobre identidade e trabalho no processo de desenvolvimento dos saberes identitários e a prática pedagógica do professor, tem o foco o sujeito e sua relação com a docência, e duas compreensões: a primeira mostra a contradição de discurso, expressando a

ideia de identidade como processo de constituição permanente e de negação para “analisar como o ser-professor se narra e interpreta-se como sujeito na profissão, tendo em vista compreender de que maneira esse profissional constrói a identidade pessoal/ profissional, sendo capaz de afirmar-se ou negar-se como sujeito dentro do sistema-escola” (FERREIRA, 2006, p19); a segunda compreensão de que a identidade se constrói no processo de formação inicial e a prática profissional, ou seja, a atividade docente que marcaria trajetórias diferenciadas de identidade para “relatar e compreender como se constitui a identidade docente em processo de formação, destacando a prática como elemento formador e diferenciador das trajetórias de identidade” (FREITAS, 2006).

Sobre o Trabalho Docente ou trabalho dos professores foi respondido pelos participantes da pesquisa:

O meu trabalho aqui é demonstrar uma Educação Física totalmente diferente daquela que esse aluno vivenciou anteriormente. Que era uma Educação Física que era dada de qualquer forma, aqui não, aqui tem planejamento, tem um objetivo, **a gente precisa alcançar o objetivo, se é compreender esse aluno ele precisa da compreensão**, se é analisar e precisa saber analisar o que é uma luta, o que é um esporte, um jogo dentro da proposta do eixo cognitivo (TB1, 2021).

Nós fazemos **o planejamento desde o plano de ensino até chegar aos planos de aula. Então cada etapa ela é cumprida e mais ainda, nós temos o acompanhamento pedagógico**. Que na escola convencional muitas das vezes ela não existe não, mas aqui a gente consegue perceber e isso evoluiu bastante o nosso trabalho (TB2, 2021).

Os participantes TB1 e TB2, falam de um trabalho pedagógico da escola muitas vezes pautado na sistematização de documentos engessados em planejamento, com plano de aula fechado em disciplinas que muitas vezes não dialogam, apenas cumprem regras do viés capitalista de uma formação quantitativa que visa números para a educação. Esta acaba sendo fragmentada pelo processo de ensino, e assim somente repassa suas determinações para a proposta de trabalho pedagógico ou construção da aula do professor, sem pensar no aluno em sala de aula. Como afirma Freitas:

[...] na dependência exclusiva dos objetivos instrucionais determinados no nível da matéria ou do professor, interagindo com a função que a sociedade especifica para a escola, sendo fatores relevantes na aceleração ou no emperramento das transformações no interior da sala de aula (FREITAS, 2012, p. 60).

Assim, a definição de “trabalho” que melhor se adequa ao estudo é a forma como o homem se relaciona com o ambiente externo, o mundo que está a sua volta, transformando-se de acordo com as suas necessidades cognitivas, motoras e sociais de sobrevivência e se desenvolvendo em nível de conhecimento e ampliando seu saber. Sobre as Práxis Pedagógicas dos professores os participantes responderam que:

[.....]apoio pedagógico, esse meu **trabalho pedagógico ele vem muito dessa ajuda deles, mas vem também da minha formação a gente sempre transita por várias concepções** e eu tento como concepção a crítica emancipatória, é por isso que eu te falei que no esporte sempre gosto de trazer o lado social Porque eu gosto de fazer uma crítica também e eu gosto muito desse lance, dessa questão, da crítica, da crítica emancipatória, mas a gente acaba transitando por várias (TB1,2021).

E nós **conseguimos fazer tanto o trabalho progressivo como também um trabalho avaliativo**. A gente procura avaliar o aluno em todas as aulas, em todos os momentos, até mesmo com as nossas atividades. O trabalho progressivo é didático, é sempre do mais simples para o mais complexo, nós nunca começamos do complexo para poder retornar (TB2, 2021).

Os participantes informam que o trabalho é apresentado nas práxis (teoria e prática) que segue uma lógica capitalista como reguladora e sistematizadora do saber do aluno. A teoria pedagógica propõe a epistemologia da prática da vivência e da própria existência humana no seu aspecto social, cultural para o desenvolvimento das habilidades e competências do aluno para aprender a aprender.

Entendemos a palavra trabalho afirmada pelos participantes na pesquisa como um componente fundamental do estudo para a pesquisa em prática pedagógica e identidade. Porém, há de se destacar a contradição entre a experiência vinda da vivência existente do aluno e os aspectos da educação formal na escola; neste sentido, trabalho é ausência de identidade.

Freitas (2016) afirma que valorizar o trabalho não elimina o conhecimento porque o trabalho é junção da expressão do conhecimento “concepção ampliada do trabalho desenvolvido pelo professor na escola, vinculado às suas possibilidades de articulação entre a macroestrutura sociopolítica e o cotidiano da docência nos espaços escolares” (FREITAS, 1995, p. 100).

Na concepção do autor, a finalidade da organização do trabalho pedagógico, do trabalho como valor social, é a vivência na prática, ou seja, “educação é trabalho” não material no seio da prática social global (FREITAS, 1995). O planejamento na fala dos professores TB1 e TB2 como a organização do trabalho da instituição Estado onde está vinculada à sala de aula /escola, sendo o conteúdo moldado à função social, na sociedade capitalista, ainda que não de forma mecânica, e sim nas políticas educacionais transcritas.

Desta forma, o trabalho pedagógico informado é amparado em um projeto capitalista, da educação básica regular do Estado a partir do desenvolvimento de políticas educacionais, com pouca relação ou nenhuma do conhecimento historicamente construído pelo sujeito e no seu desenvolvimento humano do fazer conhecimento na prática tendo em vista que na escola capitalista, o professor é o centro no direcionamento do saber do objeto de conhecimento, e a apropriação pelo aluno parte de um planejamento sistematizado que muitas vezes não leva em consideração o saber próprio do aluno. Então, o encontro entre professor, aluno e saber não se dá de forma unificada.

Assim, estabelece-se uma compreensão em que os alunos não se apresentam iguais e precisam ser pensados pela educação da/na escola e professor no ato de planejar suas especificidades, em ênfase em estratégias metodológicas e do trabalho em sala de aula.

As linguagens, antes articuladas, passam a ter status próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (BRASIL, 2018, p. 60).

A diversidade e as formas de expressões culturais de uma sociedade promovem no sujeito valores diferenciados relativos à como ver e vivenciar o mundo no seu entorno. Assim, o sujeito irá ver; entender e agir, criando diferentes conhecimentos ou diferentes habilidades a partir de sua inter-relação entre a sociedade e a escola.

Ao encontro da pluralidade cultural existente na sociedade, a BNCC objetiva tematizar práticas corporais em suas diversas formas, considerando sua abordagem como “fenômeno cultural, dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório”, o qual permite, na escola, o acesso a um vasto conjunto de saberes e experiências pedagógicas por parte de crianças, jovens e adultos brasileiros (BRASIL, 2018, p. 209).

Para Freire (2009), a ação de ensinar também é de aprender, pois aprendemos na ação dialógica com o outro, em um processo de formação humana e de identidade. Já na relação com trabalho, vemos que está pautada em pressupostos teóricos das informações e formação dos professores. Assim, o entrelaçamento da subjetividade da identidade no sentido de ser/ existir do conhecimento prático é perceptível na aquisição do conhecimento que rompe com a relação sujeito-objeto historicamente proposto na contemporaneidade.

CONCLUSÕES

O estudo do tema permitiu identificar concepções de formação entre o trabalho do professor e sua identidade que envolve os saberes da docência, especialmente no que concerne ao modo de ser professor. Assim, a compreensão identitária do professor de forma reflexiva e crítica traria contribuições para sua formação e melhor qualidade do ensino.

Desta forma, a pesquisa apresentou o trabalho e a prática pedagógica para de forma crítica compreender identidade em suas diferentes significações. Como resultado da entrevista com os professores foi constatado discursos reversos a concepção de saberes identitários, ou seja, uma possível negação da formação singular e humanizada dos educandos que analisamos como uma ‘deformação’ excludente que parte de uma manobra das políticas públicas do Estado na educação e formação dos professores e de seu saber docente, alicerçando ensino e aprendizagem à forma de fazer docência para um tipo único de educandos (sem cultura, sem identidade) determinado pela educação e ensino na escola pública.

A partir da análise realizada sobre trabalho e identidade na relação da prática pedagógica é possível afirmar que a identidade dos professores representa um discurso do sistema capitalista excludente, manipulador e que reflete aos objetivos económicos ou sociais traçados pelo Estado.

PALAVRAS- CHAVE: Saberes. Identidade. Trabalhador. Professor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas: Autores Associados, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CIAMPA, Antônio C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERREIRA, Marília A. (2006). **Ser-professor**: construção de identidade em processo autoformativo (Dissertação de Mestrado) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2006.

FORMOSINHO, João. Ser professor na escola de massa *In*: FORMOSINHO, João. (org.) **Formação de professores**. Aprendizagem profissional e ação docente. Porto: Porto Editora Ltda, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Luís C. de. Notas sobre a especificidade do pedagogo e sua responsabilidade no estudo da prática pedagógica. **Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 24, p. 12-19, 2012.

FREITAS, Luís C. de. Projeto histórico, ciência pedagógica e didática. **Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 27, p. 122-140, 2009.

FREITAS, Luís C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995.

FREITAS, Fernanda L. (2006). **A constituição da identidade docente**: discutindo a prática no processo de formação (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2006.

LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 117-130, jul./dez. 2001. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4903155/mod_resource/content/1/Texto%20Lwn.pdf.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. *In*: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013.

OLIVEIRA, Dalila. A. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**, especial 1, 2010.

SANTOS, Carolina da Costa Santos; PEREIRA, Fátima; LOPES, Amélia. A construção da identidade profissional entre percursos e escolhas. **Edudere et Educare Revista em Educação**, Vol. 9, número especial Jul./dez. 2014. Unioeste campus de cascavel. p. 405- 417. Disponível em: [http:// e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare](http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare). Acesso em: 10 de JUNHO, 2022.